

**Leiria tem de ter
um hospital de
excelência, diz
Helder Roque** >P.18 E 19



15 | SÁBADO 29 MAIO 2010
DIÁRIO AS BEIRAS

E
especial

DB-Luis Carregal



**“É preciso corrigir
assimetrias entre
regiões de saúde”,
defende Helder
Roque**

> pags. 18 e 19

HELDER ROQUE, PRESIDENTE DA ADMINISTRAÇÃO DO HOSPITAL DE LEIRIA

“Uma região de excelência como Leiria tem de ter um hospital equivalente”

O responsável máximo do Hospital Santo André mostra-se preocupado com os recursos humanos

António Rosado

antonio.rosado@asbeiras.pt

P - Nas comemorações do Dia do Hospital disse: “estamos em primeiro lugar no ranking hospitalar dos melhores pagadores”. Qual é o prazo de pagamento?

R - De facto, estamos em primeiro lugar no ranking dos melhores pagadores dos hospitais EPE, com um prazo médio de pagamento de 38 dias em 2009. Esse facto, aparentemente pouco relevante para o que interesse aos nossos utentes, é muito importante precisamente para os utentes, pois esse curto prazo de pagamento reflecte-se no relacionamento com os fornecedores, trazendo óbvias vantagens em termos comerciais e em termos financeiros. Pagar melhor significa obter melhores preços, baixando a factura a pagar, libertando esse dinheiro para investir na melhoria de condições do Hospital de Santo André, como tem sido feito de forma intensiva.

P - Ainda a propósito do Dia do Hospital, quais são os objectivos desta iniciativa,

que se tem vindo a repetir?

R - O Dia do Hospital foi por nós instituído há cinco anos, ao pretendermos dispor de uma data comemorativa para realçar o trabalho desenvolvido pelos profissionais que aqui trabalham e reforçar o espírito de corpo da equipa. Na minha intervenção deste ano enfatizei precisamente a importância do envolvimento de todos os nossos profissionais e colaboradores, através do qual conseguimos criar, ao longo destes anos de trabalho, um hospital mais eficiente e mais humano. Conseguimos proporcionar aos cidadãos o atendimento que necessitam, com um acesso mais facilitado e com uma resposta em tempo oportuno. Diferenciaram-se serviços, prestou-se um melhor serviço aos nossos doentes. E registámos crescimentos significativos em todas as linhas de produção, com bons resultados operacionais, conjugando uma constante melhoria nos cuidados assistenciais com uma melhor performance de gestão e resultados económico-financeiros

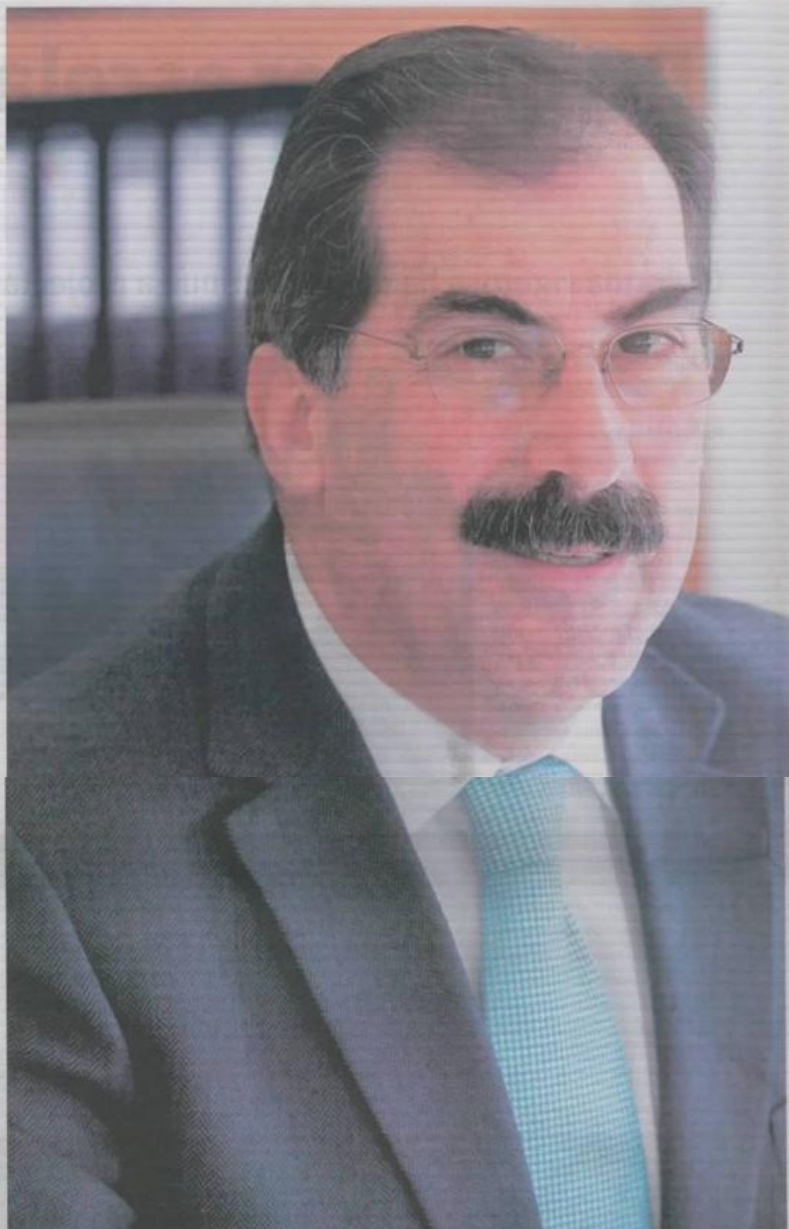
positivos.

P - Quinze anos depois da inauguração das instalações e quatro anos depois da constituição da Entidade Pública Empresarial (EPE), quais são os dados em termos assistenciais?

R - Posso referir alguns exemplos: a produção total de consultas externas revelou um crescimento global de 22% nos últimos três anos, com a consequente redução das listas de espera, que não existem, aliás, na maioria das especialidades. Ao mesmo tempo, a actividade cirúrgica registou um crescimento total de 36% nos últimos três anos e a lista de espera cirúrgica teve uma redução de 45% nos anos de 2008 e 2009; a demora média de internamento situa-se em 6,36 dias, tendo-se realizado no Hospital de Dia em 2009 mais 8,7% de sessões.

P - E como foram conseguidos esses resultados?

R - Temos uma gestão orientada por objectivos claros e partilhados por todos os responsáveis do hospital, e a execução do nosso pla-



Helder Roque afirma que é necessário “atrair jovens médicos para o nosso hospital, dos quais es

no de melhoria tem permitido introduzir mecanismos de aumento da eficiência, quer ao nível dos proveitos quer na redução dos custos. Desenvolvemos um processo de contratualização interna com os nossos directores de serviço, com metas de actividade, produtividade, económicos, qualidade, acessibilidade, entre outras, que mensalmente são acompanhadas e avaliadas, e que através desta autonomia mas também responsabilização dos serviços, tem permitido melhores receitas face à produção desenvolvida. Associado a isto, e para além da já referida questão do prazo de pagamento aos fornecedo-

res, contamos com o nível de desenvolvimento e de motivação dos nossos profissionais, o que tem sido uma das nossas prioridades e mais valias, criando um clima de harmonia, de proximidade e de partilha de informação, com resultados na afirmação do Hospital na sua comunidade.

P - A crise financeira e as medidas de austeridade já tomadas têm repercussões em hospitais EPE?

R - Temos a convicção de que os efeitos da crise e das medidas de austeridade já tomadas sejam comportáveis, até pela transitoriedade e excepcionalidade das medidas. Todos, sem

excepção, temos que ser solidários e dar o nosso contributo nesta fase difícil que o país atravessa. Temos a convicção de que não serão implementadas medidas que dificultem o acesso aos cuidados de saúde ou à equidade de acesso entre as várias regiões, de forma que possamos sempre responder, em tempo útil, às necessidades em saúde dos cidadãos. Acredito que isso nunca estará em causa, como até aqui nunca esteve. Mas estamos preocupados, nomeadamente no que se refere aos recursos humanos. Temos carência de médicos, em algumas especialidades, com número reduzido face às necessi-



registo

▶ **Estamos preocupados. Há carência de médicos em algumas especialidades**

▶ **É necessário proceder à correcção desta assimetria entre regiões de saúde**

▶ **A lista de espera cirúrgica teve uma redução de 4%**

▶ **Os hospitais de Coimbra têm as suas competências, o HSA tem as suas**

dos.

P - Sendo um hospital distrital com uma clara estratégia de crescimento, não se sente asfíxiado pelo peso que continuam a deter os dois grandes hospitais de Coimbra?

R - Nós não temos propriamente uma estratégia de crescimento, a nossa preocupação principal, Conselho de Administração e profissionais de saúde, é sempre proporcionar aos cidadãos os melhores cuidados assistenciais, satisfazer localmente as suas necessidades em saúde e afirmar as instituições de saúde como parceiras nas comunidades em que se inserem.

Temos de ver que Leiria e toda a sua vasta região, pela importância do seu desenvolvimento, merecem e necessitam de um projecto de saúde à altura da sua dimensão e importância, nomeadamente a nível hospitalar.

P - Que dados justificam o que refere?

R - Trata-se de um região extremamente competitiva, que consegue ter uma atractividade invejável. Em 20 anos, a cidade quase triplicou. A taxa de crescimento da última década foi de 33%, quando a média nacional foi de apenas 3,9%. Leiria é o 4º maior distrito

em negócio financeiro *per capita*, atrás de Lisboa, Faro e Porto e à frente de Évora, Setúbal, Aveiro e Coimbra. E nos últimos oito anos, o crédito no distrito de Leiria cresceu acima do ritmo nacional (127% para 97%), números que reflectem o dinamismo da região. Uma região destas, uma região de excelência como Leiria, merece ter, tem de ter, um hospital equivalente. É nosso dever trabalhar para isso, recuperar atrasos de anos de dificuldades, de esquecimento até e, qual formiguinha, irmos superando essas carências e entraves e afirmando o HSA na nossa comunidade. Posto isto, devo dizer que não há razões para qualquer asfíxia, os hospitais de Coimbra têm as suas competências, o HSA tem as suas, que levamos muito a sério.

P - A Medicina Intensiva e o Serviço de Cardiologia são dois dos mais recentes serviços com maior projecção?

R - São dois serviços que se inserem nesta estratégia. Disponibilizam serviços "âncora" ao hospital, oferecem serviços de qualidade e excelência clínica, aumentam a nossa capacidade de intervenção em áreas críticas e, esperamos, que possam atrair jovens médicos para o nosso hospital, dos quais esta-

mos bem necessitados. São projectos que consolidam a missão do HSA e fortalecem a sua imagem pública de credibilidade e confiança, e respondem às necessidades enquanto garante de assistência rápida e eficaz na doença.

P - Quais são as restantes apostas, a curto/médio prazo, em equipamento e instalações?

R - Estamos apostados em intensificar mesmo o ritmo do nosso progresso e crescimento para que todos os cidadãos beneficiem da qualidade do trabalho efectuado, correspondendo às suas necessidades em saúde. Queremos reforçar a capacidade de resposta do hospital, com projectos estruturais e estratégicos, de forma a melhorar as instalações e serviços prestados aos doentes, abrangendo, entre outros, a reabilitação interna do hospital, a remodelação do serviço de urgência, a expansão da rede de ar frio nos internamentos, a substituição integral das camas hospitalares, a reestruturação do bloco de partos e a substituição e modernização do bloco central e cirurgia do ambulatório. Todos eles são projectos que pela sua diferenciação e inovação técnica e operacional consolidam a missão do hospital.

mos bem necessitados"

dades e área de influência do hospital. Carências que não são de agora, e face às quais é necessário proceder à correcção desta assimetria entre regiões de saúde, o que não tem sido fácil.

P - Qual é o orçamento e resultados em 2009?

R - Os nossos resultados líquidos voltaram a crescer em 2009. O resultado antes de impostos obtido no exercício de 2009 registou um valor positivo de € 4.892.363, o que traduz um crescimento de 4,1% em relação ao ano anterior, em consequência de proventos totais no montante de € 80.016.157, mais € 5.757.789, e de custos totais

que atingiram € 75.123.794. Mas, mais uma vez, enfatizo o facto de estes resultados financeiros permitirem a libertação de meios para investir no aumento da qualidade da oferta do HSA, como tem sido feito de forma intensa e sistemática. A saúde não é para dar lucro, no sentido meramente contabilístico, mas isso não implica que não haja rigor na gestão e preocupações permanentes de reduzir os desperdícios e as ineficiências, sempre em benefício dos cidadãos, como é evidente e, no caso do HSA, absolutamente emblemático, tendo em conta os investimentos já realizados e os programa-